

FH assume país a caminho do crescimento

Se tudo der certo, 1995 será um ano duro. É isso mesmo: segundo analistas, o melhor para a economia brasileira é crescer pouco ao longo dos próximos doze meses, período em que o Plano Real e a estabilidade estariam se fortalecendo e o país, se preparando para avançar a partir de 1996. Reforma fiscal, solução para a Previdência e para a crise que envolve os bancos estaduais — como já começou a ser feito com Banerj e Banespa — são algumas das questões a serem enfrentadas, o que representa contenção de gastos. Além disso, todo o cuidado com a inflação é pouco, ou seja, é preciso evitar pressões de consumo.

O fato é que Itamar Franco entrega a Fernando Henrique Cardoso uma economia em condições favoráveis, mas que tem uma série de questões ainda pendentes. Os problemas começam no déficit pontencial previsto para as contas públicas em 1995 — R\$ 10 bilhões. Por estas e outras, o ex-ministro Mário Henrique Simonsen se diz apenas "razoavelmente otimista" em relação ao novo ano. Ele afirma que a atividade econômica crescerá sim, mesmo que só por questão estatística. E que não há risco de recessão. Mas alerta para a necessidade de priorizar o controle das contas:

— O ajuste fiscal para 1995 é precário. Mas fortalecendo o controle, a partir de 1996 poderemos ter um ajuste profundo e, aí sim, avançar.

Os três cenários traçados para 1995 pelo economista Cláudio Contador deixam a questão clara. No primeiro, explica ele, imagina-se que o Governo tenha conseguido apoio político para fazer as reformas estruturais necessárias. Aí, o PIB cresce 3,7%, com a indústria se expandindo 4,8% e a inflação ficando na casa dos 35%. No segundo cenário, o Governo avançaria pouco nas reformas: o PIB cresceria 4,1%; a indústria, 5,4%; mas a inflação chegaria aos 110%. No terceiro caso, 1995 seria uma continuação piorada de 1994 — o PIB aumentaria 4,4%, a indústria 6% e a inflação passaria dos 500%.

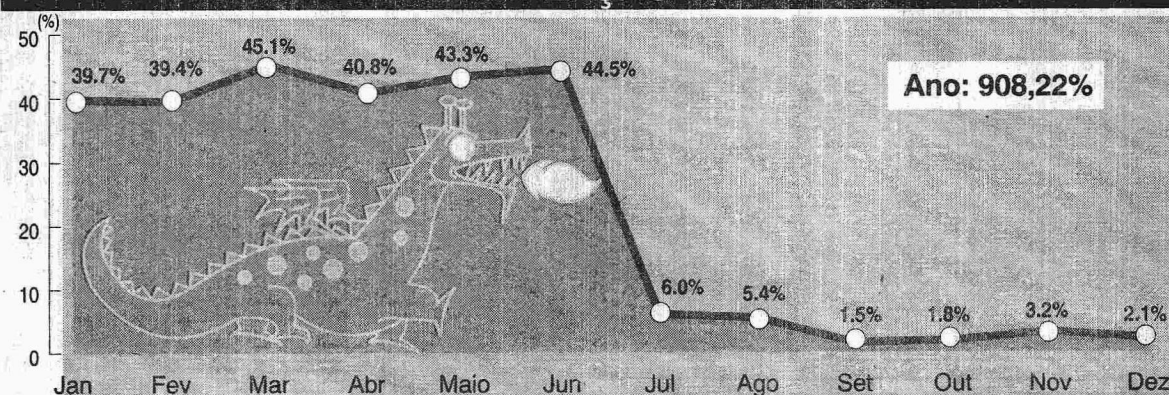
Outro problema ainda é a inflação. O economista José Cláudio Ferreira da Silva acredita que haverá reposição de estoques no início de 1995 e teme as pressões disso sobre os preços:

— É preciso forçar redução de demanda, com medidas contractionistas. Chegou a hora das medidas antipáticas — diz José Cláudio, para quem o melhor é que o PIB cresça apenas 2%.

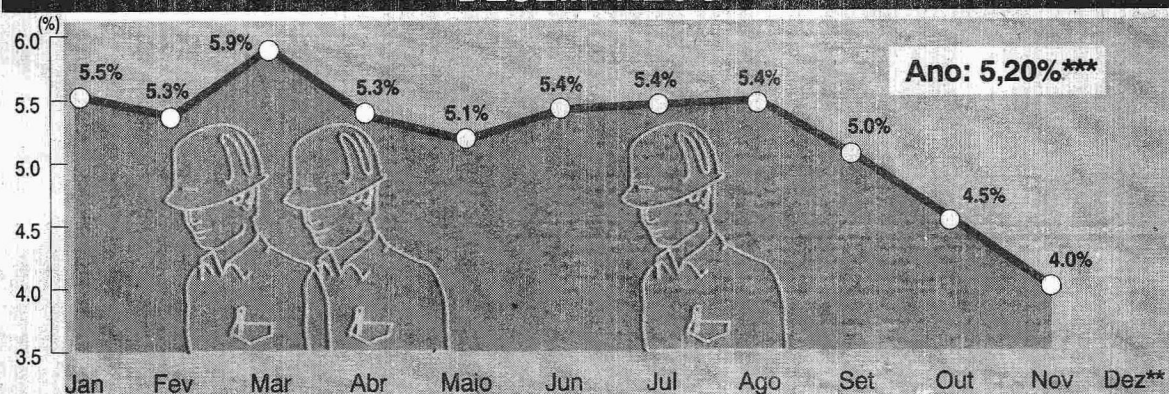
Editoria de Arte

O Brasil em números

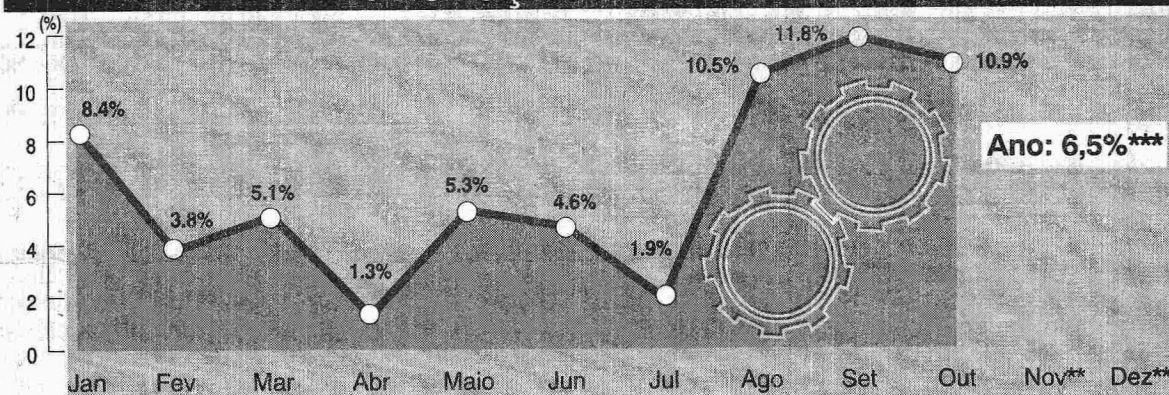
INFLAÇÃO*



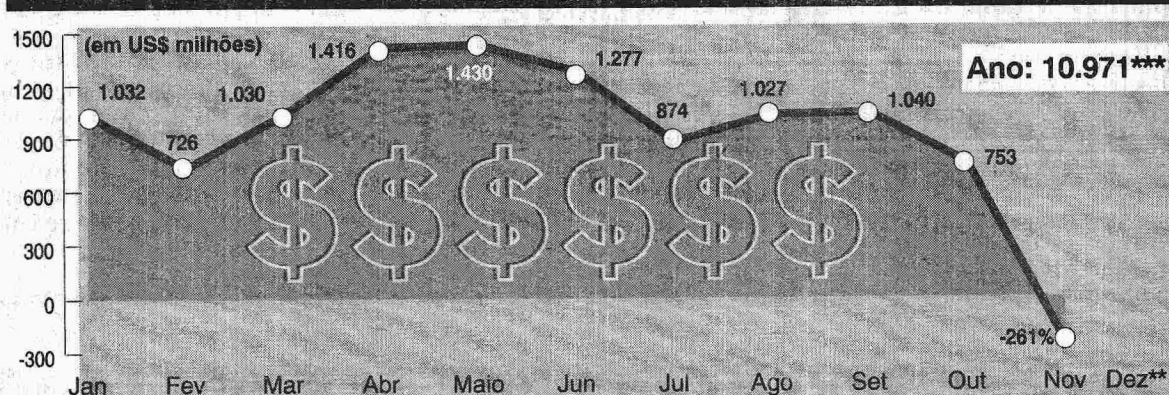
DESEMPREGO



PRODUÇÃO INDUSTRIAL



SALDO COMERCIAL



* Índices: INPC-E (primeiro semestre) e IPC-R (segundo) ** Dado ainda não disponível *** Estimativa